

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

57 Co-edição bilingue do Instituto Cultural de Macau/Direcção dos Serviços de Educação de Macau, 2.ª ed. [50 000 exemplares], 1990. Páginas não numeradas. No prefácio, o então Presidente do Instituto Cultural de Macau, Carlos Marreiros, anuncia a futura publicação do “Chinalbum” e do “Albumacau”, o que, infelizmente, não foi concretizado.

BIBLIOGRAFIA

Aresta, António. “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, 1999, pp. 699-709.

—. “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Brigantia*, Vol. XX, n.º 1-2, Janeiro-Junho, 2000, pp. 53-62.

—. *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2014.

Benjamim Videira Pires, S. J. Mostra Bibliográfica por Altura da Exposição ‘Os Jesuítas na Ásia’. Catálogo. Macau: Biblioteca Central de Macau, 1992.

Castro, Ferreira de. *Macau e a China*. Macau: Câmara Municipal das Ilhas, 1998.

Coates, Austin. *Macau: Calçadas da História*. Lisboa: Gradiva/ Instituto Cultural de Macau, 1991.

Cunha, Luís Sá. *Portugal: 55 Quadros para Conhecer Portugal e o seu Povo*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Direcção dos Serviços de Educação, 2.ª edição, 1990.

Doutrinas Confucianas: Livro de Ensino sobre as Boas Maneiras. Macau: Tipografia Mei Cheong, 1954.

Fernandes, Henrique de Senna. “Macau de Ontem”, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.

—. *A Noite Desceu em Dezembro*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 2015.

Gomes, Luís Gonzaga. *Bibliografia Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2.ª ed., 1987.

—. *As Quatro Obras [Discursos e Diálogos; Suprema Educação; Meio Constante; Mêncio]*, tradução e apresentação. Separata da *Renascimento*. Macau: 1945.

Gomes, Maria Margarida. *A Cozinha Macaense*. Macau: Imprensa Nacional, 1984.

Heidegger, Martin. *Lógica. A Pergunta pela Essência da Linguagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

Hessen, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1980.

Hongzhao, Huang. “A Formação da Identidade Cultural de Macau”, *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 33, 1996, pp. 685-699.

Innerarity, Daniel. *A Sociedade Invisível*. Lisboa: Teorema, 2009.

Jorge, Maria do Céu Saraiva. *Macau que Eu Conheci. Anos 20 e 30*. Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa. Lisboa: Edição da Autora, 2006.

Mendes, Manuel da Silva. *Nova Colectânea de Artigos de Manuel da Silva Mendes*, organização de Luís Gonzaga Gomes. Macau: Notícias de Macau, 1963-1964, 3 volumes.

Moraes, Wenceslau de. *Osoroshi*. Prefácio e notas de Álvaro Neves. Lisboa: Casa Ventura Abrantes Livraria Editora, 1933.

58 Idem, na página de Justificação.

59 Austin Coates, *Macau: Calçadas da História*, p. 163.

60 Wenceslau de Moraes, *Osoroshi*, p. 59.

61 Benjamim Videira Pires, *Espelho do Mar*, p. 11.

Neves, Francisco Moreira das. *Inquietação e Presença. Miguel Sá e Melo e o Movimento Modernista*. Leiria: Edições Juventude, 1942.

Ortega y Gasset, José. *O Que é a Filosofia?* Lisboa: Biblioteca de Editores Independentes, 2007.

Pascoaes, Teixeira de. *Arte de Ser Português*. Lisboa: Roger Delraux, 1978.

Pires, S. J., Benjamim Videira. “China”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 5, pp. 297-299. Lisboa: Verbo, 1967.

—. *D. Maria de Além-Mar: Um Mês pela Índia Portuguesa*. Macau: Apostolado da Oração, 1995.

—. “A Diplomacia de D. João V no Extremo Oriente”, *Revista de Cultura*, n.º 11/12, Jul./ Dez. de 1990, Macau, pp. 5-18.

—. *Espelho do Mar*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.

—. *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

—. “Macau”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, pp. 863-867. Verbo: Lisboa, 1971.

—. *Portugal no Tecto do Mundo*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

—. Prefácio a *Macau Vista por Dentro*, de J. J. Monteiro. Macau: Direcção dos Serviços de Turismo, 1983.

—. Prefácio a *Em Demanda do Cataio*, de Eduardo Brazão. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1989.

—. Prefácio a *Primeira Embaixada Europeia à China*, de Armando Cortesão. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990.

—. *Pregai o Evangelho: 2 Séries de Homilias para todos os Domingos e Festas do Ano*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1963.

—. *Taprobana e Mais Além... Presenças de Portugal na Ásia*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.

Pires, Francisco Videira. *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2011.

Salazar, António de Oliveira. *Portugal e a Campanha Anticolonialista*. Macau: Imprensa Nacional, 1961. Edição trilingue, português, chinês e inglês.

Santos, Carlos Pinto e Neves, Orlando. *De Longe à China. Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, Tomo IV. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996.

Silva, António Andrade e. *Eu Estive em Macau durante a Guerra*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1991.

Várzea, (Balmaceda), Ernesto. *Oriente. Caminhos do Mundo Português*. Porto: Edição do Autor, 1954.

Viana, António Manuel Couto. *No Oriente do Oriente*. Macau: Edição do Autor, 1987.

Zhiliang, Wu. *Segredos da Sobrevivência. História Política de Macau*. Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau, 1999.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM



A Miscigenação de Benjamim Videira Pires

ANA CRISTINA ALVES*

A MISCIGENAÇÃO DE PORTUGAL E DA CHINA EM VIDEIRA PIRES

Vida, Odisseia de dor!
As tensões que nos consomem
Só se nivelam no Amor¹

A que tipo de amor se refere o Pe. Benjamim Videira Pires? Ao divino, como mostra a palavra em destaque de caixa alta, que é apresentado com pormenor na estrofe seguinte:

Encheu a Terra e os Céus
o Espírito do Senhor.
As criaturas são símbolos;
A Realidade é o Amor²

* Licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, este último, em 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou em Macau no Instituto Politécnico de Macau e na Universidade de Macau como professora de Português Língua Estrangeira, de Cultura, Filosofia e de Tradução Chinês-Português. Tem várias obras publicadas nos campos da Filosofia, Tradução e Língua e Cultura Chinesa

Degree, M.A. and Ph.D. in Philosophy, the latter in 2005 from Lisbon University's Faculty of Arts. She worked in Polytechnic Institute of Macao and in The University of Macao as teacher of Portuguese as Foreign Language, Culture, Philosophy and Chinese-Portuguese Translation. She published works in the field of Philosophy of Culture, Chinese Translation and Language.

O Amor de Deus permite conciliar as criaturas, pessoas e povos, todos incompletos, encontrando o seu sentido na relação com os seres que os rodeiam e também no seu interior num diálogo com o divino.

A miscigenação e a harmonia nascem do jogo complementar estabelecido entre opostos que reenviam para o par primordial: o *yin* feminino e o *yang* masculino, onde se joga a conciliação de opostos, como Benjamim Videira Pires bem frisou na obra *Os Extremos Conciliam-se*.

Esta ideia directriz do seu pensamento revela uma forte influência oriental, o que não é de estranhar para quem viveu cinquenta anos em Macau e foi o mais distinto sinólogo do século xx.

Os que entram em contacto profundo com a cultura chinesa começam a ver o mundo de outro modo, mais sexualizado do ponto de vista teórico, como num jogo de opostos comandados pelos princípios feminino e masculino. Os seres concretos, do ponto de vista antropológico, as pessoas, são representantes dessas mesmas forças actuantes e os povos não escapam a esta regra.

É, então, natural que encontremos este esquema mental em *Os Extremos Conciliam-se*. Os portugueses são apresentados como os representantes do princípio masculino ocidental e os chineses do feminino oriental.

BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Tal leitura tem implicações concretas. Nós seremos mais discursivos, bélicos, dogmáticos e inteligentes; os chineses mais intuitivos, sábios, pacientes e flexíveis. É, no entanto, de notar que nenhum dos modos de ser e de pensar é desvalorizado, pois ambos contribuem para a miscigenação e harmonia terrenas.

“As duas espécies de pensamento (intuitivo e discursivo) são importantes e cada um deles pode lucrar com a união do horizontal com o vertical, a fim de integrarem uma cultura do mundo futuro. As duas tendências da alma do Ocidente e do Oriente têm um propósito comum magnífico: ambos fazem esforços desesperados por caminhos e meios diversos para conquistarem a naturalidade autêntica da vida.”³

A vontade de conciliação é recorrente no pensamento de Videira Pires, embora sempre com a preocupação de registar as diferenças. Se é verdade que os portugueses encarnam as virtudes do princípio masculino, não serão uma manifestação tão fiel desta essência como, por exemplo, os anglo-saxónicos. Além do mais, a procura da miscigenação é a nota dominante no pensamento do Padre, por isso enfatiza as afinidades dos extremos que se tocam. Portugueses e chineses, segundo a sua perspectiva, revelam um forte pendor pelas questões ético-sapienciais, pela prudência e pelo meio-termo, um certo lirismo e idealismo sonhador, um grande amor ao concreto e à natureza, e assim por diante.

Há ainda aspectos negativos e positivos nas duas formas de pensar. Vejamos as suas características negativas no Ocidente:

“O Ocidente, ao contrário, identificara-se com o princípio masculino (animus), em detrimento do feminino (anima). Verifica-se isto nos símbolos e valores ocidentais: ciência, prova racional, dialéctica, tecnologia, agressividade, ideologias revolucionárias, individualismo, dogmatismo, intransigência, beligerância, etc.”⁴

Mas também positivas, na medida em que permite, no que respeita aos portugueses, o aparecimento de terras miscigenadas como Macau

Lisboa e Macau, pilares da mais antípoda gente: tocam-se aqui os Extremos do Ocidente e do Oriente⁵

A respeito de Macau, terra onde quase até ao fim se sentiu bem, diz-nos o Pe. Benjamim:

A identidade de sangues
forma a família comum.
As pessoas somos duas,
Como povo, somos UM!⁶

Não é de estranhar que o Pe. tenha sentido o regresso de Macau à China. De espírito conservador, alinhava pelo antigo regime e, tal como os da época, defendia acima de tudo os valores de Deus, Pátria e Família. Mas também sabia manter excelentes relações com o Partido Comunista e o poder central. Era, à época, dos poucos intelectuais que conseguiam ser escutados por uns e outros, no que se pode considerar mais uma concretização do seu princípio filosófico de que os extremos se conciliam.

– As aparências iludem
A essência fica escondida
Os equilíbrios instáveis
são a constante da vida.⁷

É de recordar que o Padre não era político. Questões como as da liberdade e autonomia dos povos não lhe atravessavam o espírito. Achava que Portugal devia manter-se grande, colonial, não para oprimir, mas para desenvolver equilíbrios instáveis, harmonias floridas,

Macau é jarra da China
Com flores de Portugal⁸

Benjamim Videira Pires era muito atento ao Outro. Aprendeu chinês, deixou-se miscigenar por uma cultura muito diferente da sua. Conhecia a fundo a história de Macau e da China, produziu obras de grande valor intelectual e até construiu uma escola, o Instituto D. Melchior Carneiro, que se tornou a seu tempo uma das melhores do território. Para um homem destes, Macau só era grande pelo facto de corporizar um verdadeiro encontro de sangues e culturas; por isso a notícia do retorno do Território à China foi recebida com apreensão, tendo-o deixado em tensão, apesar das suas excelentes relações com os chineses, mas não perdeu a esperança:

Macau, velhinha, a espalhar,
na história sorriso e pranto...
Quando começa a murchar,
a rosa tem mais encanto.
[...]
É Deus quem modera e lança
os dados da tua sorte⁹

Quando fala de política, por exemplo, em *Pregai os Evangelhos*, é para separar as águas do poder terreno e celestial e, ainda, para chamar a atenção da necessidade da autoridade, que pode ser exercida em regime ditatorial ou democrático. Para um católico fervoroso a suprema autoridade é Deus; no entanto, ao nível da terra existe outra, a de César, como afirma na homilia do vigésimo nono domingo após o Pentecostes. A respeito da passagem “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus xxii: 21), Videira Pires declara que tanto a história como a palavra de Deus “confirmam a necessidade dum chefe”.¹⁰ Segundo a sua perspectiva, é preciso quem mande para que a sociedade não mergulhe num caos profundo. Defende ainda que não manda quem quer, mas quem pode, porque o poder vem de Deus e a organização da sociedade é de origem divina:

“A organização da sociedade é, pois, *uma instituição divina*. O poder vindo de Deus por meio da natureza, recai sobre determinadas pessoas em virtude dum título legítimo (a herança, um tratado, uma guerra justa, ou a eleição), disposto pela ‘graça de Deus’, ou seja, pela Divina Providência.”¹¹

O que sucede é por vontade de Deus. Por vezes há usurpações que se tornam visíveis quando somos confrontados com pessoas que agem de modo ignorante e pouco virtuoso. Logo, apenas aqueles que se assemelham, por exemplo, ao rei Salomão, são dignos de mandar, porque só eles podem compreender sabiamente os extremos que se tocam, os equilíbrios instáveis, além



BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

de possuírem uma virtude natural que os inclina para o Bem. E, citando S. Tomás de Aquino, frisa que só “têm direito de mandar os mais sábios e virtuosos.”¹²

RETRATO DE BENJAMIM VEIDEIRA PIRES

O Padre sabia-se humano, logo conhecia bem as suas imperfeições e as dos outros. A dado passo diz-nos que nem as pessoas mais idóneas se salvam das calúnias neste mundo transitório, afirmando no décimo primeiro domingo após o Pentecostes: “Com que leviandade se espalham as piores calúnias, mesmo contra pessoas consagradas a Deus!”¹³

Estaria a referir-se a si próprio ou a outrem? O certo é que corriam alguns boatos em Macau sobre a vida amorosa de certos padres, que foram crescendo até ganhar contornos duma aventura real. De qualquer modo, nesta fase, o Padre apenas está a chamar a atenção para a maledicência. Refere a propósito da cura bíblica milagrosa dum surdo-mudo que é bom falar, mas com muita conta e medida, porque apenas o silêncio é de ouro e, citando S. Jerónimo, acrescenta: “A murmuração é o último laço em que o demónio enreda as almas que já se desprenderam dos demais vícios.”¹⁴

O Pe. Benjamim nunca nega a sua condição humana, mais exposta na sua obra poética. Por ela ficamos a saber que conheceu de perto a tentação, por exemplo em “Sombra”:

Sombra
os cravos floridos
da tua janela...
[...]
Sombra
a renda do quarto que dá para a rua...¹⁵

Pelo seu testemunho poético, sabemos que, já em Granada, sentira o apelo da carne, como declara em “Tentação”:

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Na treva, enterras
O meu tesoiro:
Chuva de estrelas,
– cabelo loiro! –

Caiu uma pétala,
em lago azulino:
Passou um arrepio,
pelo meu destino¹⁶

Mais adiante em Macau no poema “Céu e Prisão”, volta a abordar o mesmo tema

Eu descobri o Amor ilimitado
no segredo dum círculo fechado:
[...]
Motivo oriental de sonho e treva!
Éden original de Adão e Eva!¹⁷

Se acaso Videira Pires concretizou a tentação, esta não teve força suficiente para o afastar do sacerdócio. Continuou com a sua actividade missionária e fundou uma escola rentabilíssima, o Instituto D. Melchior Carneiro,¹⁸ que se sustinha não só por meio das propinas dos alunos como ainda por certos subsídios, tanto da parte chinesa como da Direcção dos Serviços de Educação de Macau. Esta, em 1990, avançou com um subsídio de 2 milhões de patacas para financiar obras de melhoramento na secção secundária do Instituto, que orçaram a mais de 3 milhões de patacas, tendo a restante verba sido coberta por fundos da casa provincial dos jesuítas.

Embora o Pe. Benjamim lidasse com avultados montantes financeiros e tivesse uma confortável conta bancária, bem como bens imobiliários em Portugal, não privilegia os bens materiais. Muito pelo contrário. Por *Pregai o Evangelho* ficamos a saber que condena a acumulação de bens materiais. Na sua perspectiva, a riqueza e o mundo espiritual só se conciliam quando a primeira é posta ao serviço do amor ao próximo.

“Não, mundo material! Não. A eternidade vale mais do que o tempo. O dinheiro não se pode levar para além da morte, senão quando se sacrifica aos pobres por amor a Deus.”¹⁹

Também no que respeita a desavenças, a sua posição não podia ser mais clara: a busca de reconciliação e harmonia é um dos vectores essenciais da sua vida.

E adverte que se devem evitar conflitos, já que estes servem sobretudo para encher os bolsos a terceiros²⁰ e, quando extremados, conduzem à destruição e à guerra.

REVOLTA DO PADRE BENJAMIM

O Padre era um cultor da harmonia; para a preservar fazia compromissos pessoais, religiosos e políticos. O temperamento poético contribuía grandemente para a tarefa de conciliação que se havia proposto.

Podemos ler o seguinte numa carta enviada à mãe a 2 de Julho de 1968:

“Nunca ande triste, mas veja Nosso Senhor presente em tudo: nas flores e ameixas do jardim, no vento e na adversidade, no céu e na terra. Confie plenamente no amor e misericórdia do Coração Santíssimo de Jesus.”

Além disso, no postal para Miguel Torga faz um breve auto-retrato, em que se caracteriza como possuindo grande humildade cristã.

Mas, em 1995, rebela-se abertamente contra o seu superior hierárquico, Luís Sequeira. Em carta datada de 17 de Junho de 1995 ao seu irmão Francisco declara:

“Só peço a Deus que me mantenha a fé, a esperança e a caridade e não me deixe exasperar e perder a cabeça com as atitudes canhestras e incompreensões dos que são e deviam ser sempre Superiores.”

Após o que prossegue no mesmo tom pouco amistoso: “As homenagens que me vão prestar aqui, pelos não jesuítas, não me aquecem nem me arrefecem.”

Esta revolta deve-se ao facto do Superior dos Jesuítas ter tentado substituir o Pe. Benjamim pelo Pe. Joseph Tai na direcção do Instituto D. Melchior Carneiro. O Pe. Luís Sequeira foi então acusado na comunidade de falta de diplomacia, uma vez que estava a afastar o director-fundador da escola. O Padre considerava o Instituto como o seu maior feito em Macau e queria-lhe como se de sua família se tratasse. Corria mesmo que o Padre teria família, no sentido estrito da palavra, dentro do próprio colégio. Que Marta, a professora refugiada salva por ele e que o ajudou a fundar o Instituto, manteria uma relação com o Padre da qual havia descendência.

O certo é que, talvez também por estes motivos, mas obviamente por outros, Videira Pires devotara trinta e quatro anos ao ensino e levava a sua obra

pedagógica muito a sério. O Instituto, tal como o colégio Yuet Wa, foi feito a pensar na comunidade chinesa. Os professores eram recrutados na China e os programas estabelecidos à medida das necessidades dos chineses, sendo o chinês (cantonês e mandarim) a primeira língua para o curso geral e o inglês, a segunda.²¹

O Padre recebia apoios financeiros da China, de Macau, do Canadá e dos Estados Unidos. O Instituto cresceu muito. Já foram referidas as obras de melhoramento dos anos de 1989-1990 que custaram mais de 3 milhões de patacas. A instituição, além dos fundos consideráveis, possuía uma posição privilegiada, muito central e perto das Ruínas de São Paulo.

Nada mais natural para o criador duma grande obra pedagógica e social do que manter-se à frente daquela que considerava a sua maior criação. Além disso, se continuasse a dirigir o Instituto, talvez pudesse apoiar com mais consistência a sua pequena família, a Marta, a Fátima e o Domingos, se esta existia, bem como todos os professores e alunos pelos quais se sentia responsável.

Quando o Superior dos Jesuítas destituiu Videira Pires do cargo e lhe congelou as contas no Banco Luso-Internacional, e este se revoltou abertamente contra a decisão, abriu as portas a influências mais problemáticas no seio da comunidade chinesa para o financiamento da escola, como, por exemplo, o mundo das seitas.

A intenção do Superior dos Jesuítas era possivelmente, através da pressão económica, obrigar o Padre à obediência, mas este transmontano, ao sentir-se encurralado, reagiu negativamente, tendo-se barricado na escola, ao mesmo tempo que colocava o Pe. Luís Sequeira em tribunal. Entre as acusações que movia ao Superior dos Jesuítas estava a de lhe ter falsificado a assinatura num pedido forjado de cessação de funções sacerdotais.

A AVENTURA DE VIDEIRA PIRES

Passo agora ao relato e interpretação da aventura do Pe. Benjamim, numa tentativa subjectiva e ficcionada de encontrar uma explicação para o que sucedeu.

O Padre, ao ter perdido o apoio da sua comunidade religiosa e com grandes dúvidas sobre a simpatia que poderia vir a conquistar na comunidade laica portuguesa, refugiou-se no seio da comunidade chinesa, junto dos que, por razões de miscigenação

Com o irmão Francisco junto das Ruínas de S. Paulo.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM



BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

física e cultural, elegera como família. Esta última tinha ganho um lugar real no seu coração. Afastado há quarenta e sete anos de Portugal e da sua família de origem, embora tivesse mantido contacto com os seus familiares portugueses, a distância havia tecido novos laços de muito ou de pelo menos igual peso.

Entretanto, os seus aliados do Instituto, enfim, todos os que dependiam dele, alimentavam e partilhavam a revolta de Videira Pires. Acreditavam que ele corria perigo real, sentindo uma verdadeira repulsa pelo Pe. Sequeira. Esta ficaria bem expressa nos desabafo relatados ao Pe. Coelho aquando da sua visita a Macau. O jesuíta, em carta datada de 1 de Dezembro de 1997, diz o seguinte: “A Sra. Fátima começou acusando os jesuítas numa maneira muito grosseira, diz até que estes desejam a morte dele, porque não tratam bem da sua saúde”.

E as acusações vão subindo de tom até ao desabafo final de Domingos, aquando da notícia da morte do Pe. Benjamim já em Portugal, relatado na edição do *Hoje Macau* de 11 de Janeiro de 1999:

“Mataram o nosso Padre. Vocês todos. Igreja, governo, jornais. Quando os jornais publicaram que a polícia tinha-nos posto fora da escola eu tive a certeza que o nosso padre morreria de desgosto. Ora aí tem o resultado, mataram o nosso padre.”

Entretanto, talvez o Superior dos Jesuítas estivesse consciente da aliança estabelecida entre o Pe. Benjamim e a sua família chinesa. Talvez temesse que o Instituto passasse para as mãos daqueles professores logo após a transferência, ficando privada a Companhia de Jesus dum valioso bem que, nas versões mais tímidas, orçaria os dez milhões de patacas e, nas mais ousadas, os cinquenta e seis milhões.

Corria ainda que os professores do Instituto, quando as contas foram congeladas, se voltaram para uma das seitas do Território, a “14 Quilates”, e que pretendiam herdar o Instituto na passagem de Macau para a China. Mas a intervenção da família e amigos portugueses de Videira Pires em conjunto com o Gabinete de Coordenação da Segurança de Macau, chefiado pelo coronel Ramos, impediram que o Padre se mantivesse até ao fim apenas ligado à comunidade chinesa.

O próprio Videira Pires começava a vacilar. Tinha saudades da sua família portuguesa. E, na verdade, estava farto de se manter acorrentado a uma protecção que começava a ressentir como forçada.

Ele que auxiliara a construir o seu próprio cativeiro, quando se revoltara contra o seu superior hierárquico, passou a aborrecer os ânimos exacerbados e as memórias de quem não se esquece dos que o rodeavam. Ele já quase perdoara ao Pe. Sequeira. Gostava de estudar e de ensinar, não fora feito para se enredar em intrigas. Tinha muito trabalho realizado na área intelectual, um longo currículo e fizera uma obra social notável, por que teria de pagar todo o seu esforço com o confinamento às paredes dum Instituto, onde era venerado, mas também muito vigiado?

De repente percebeu que não podia abandonar os seus aposentos. Separavam-no do mundo exterior uma porta de ferro com correntes e cadeados. Os seus amigos chineses afiançavam que assim procediam em nome dum bem maior, a sua segurança.

Culpabilizava-se. Sabia que tinha desencadeado aquele processo. Considerava tanta vigilância excessiva. E de repente terá sido assaltado por nova dúvida: Não estaria também a sua família escolar de olhos postos na sua fortuna?

Quando lhe surgiu esta última suspeita, o mundo desabou. Não seriam todos iguais? Não quereriam todos privá-lo do seu bem maior: o Instituto D. Melchior Carneiro?

Contribuía para convencer os chineses de que os jesuítas lhe queriam mal, pois sentira-se atraído, mas, na verdade, estes não o tinham colocado em cativeiro, nem tão-pouco lhe haviam tentado interceptar a correspondência. Enganara-se.

Estava enredado numa intriga louca. Quem falsificara a sua assinatura na carta de demissão? Fora ele próprio, os jesuítas ou a família escolar? Já não conseguia afirmar nada com segurança. Sentia-se velho e cansado, a perder energia, física e intelectual.

Caía num enorme precipício e não encontrava forças nem saúde para desfazer os equívocos. Tinha sono, muito sono, e dores agudas. Começava a desconfiar dos tratamentos na China e das mezinhas chinesas.

Os três últimos anos, entre 1995 e 1998, passados em regime de convivência intensiva com a família chinesa tinham-no fatigado supinamente. Precisava de regressar à comunidade de origem que, à distância de muitos milhares de quilómetros, lhe parecia mais calma e harmoniosa.

Não havia quem convencesse aquela pequena comunidade do Instituto de que os portugueses e principalmente os jesuítas não queriam matar o Pe.

Benjamim Videira Pires, o fundador da escola e a razão de ser do ganha-pão deles. Movidos, tanto por interesses sentimentais como económicos, e já um pouco desapontados por o patriarca se começar a revoltar também contra eles, resolveram assumir a defesa da vida e dos bens dele até às últimas consequências. Chegaram ao extremo de o levar para a China, numa acção que foi classificada pela comunidade portuguesa como puro rapto.

A 29 de Junho de 1998, o jornal *Futuro* informava que o Pe. Benjamim já se encontrava a salvo na Pousada do governo em Mong-Há na companhia do irmão Francisco Videira Pires, depois de ter realizado exames clínicos no Hospital Conde S. Januário a 29 do mesmo mês. E comunicava que estavam implicados no rapto três homens e uma mulher, além de sete suspeitos de cumplicidade. Segundo esta notícia, o Padre teria sido raptado no dia 15. A detecção e recuperação de Videira Pires foi feita pelas autoridades policiais de Macau e da província de Guangdong com intervenção da Interpol chinesa.

Entretanto o jornal *Macau Hoje* avançava com uma informação bem diversa. Podia-se ler que o Padre tinha regressado da China no dia 28 de Junho pelas 15 horas, mas que havia telefonado do Continente para o Ministério Público a solicitar que libertassem os oito professores detidos pela polícia e enviados à justiça, pois na sua opinião nada tinham a ver com o sequestro.

Segundo a comunidade portuguesa, o Padre ainda foi alvo de mais duas tentativas de rapto, uma na Pousada de Mong-Há, outra no passeio domingueiro do Leal Senado, que tiveram possivelmente o apoio de forças exteriores à pequena comunidade pedagógica do Instituto.

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Que aventura! Do ponto de vista filosófico, quais os preconceitos que a terão permitido? Que ideias

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

feitas entre portugueses e chineses se geraram em cinco séculos de convivência?

Quem leu *Fidalgos, Missionários e Mandarins* de Rui Loureiro, um estudo sobre as relações de Portugal e da China no século XVI, ou teve oportunidade de consultar directamente as fontes da época sabe que a imagem que os portugueses possuíam dos chineses era boa. Apontava-se-lhes uma certa gentildade e pendor supersticioso, mas enaltecia-se, particularmente em Fernão Mendes Pinto e Frei Gaspar da Cruz, a organização social, política e, no caso deste último, até

judicial. Recorde-se o elogio que o autor tecia à imparcialidade da justiça chinesa no *Tractado em que se contam muito por extenso as cousas da China e de Ormuz*.

Porém, não é preciso recuar tanto para obter uma boa imagem dos chineses.

No século XX, o Pe. Benjamim foi um dos maiores enaltecedores das virtudes chinesas. Recordemos os seus artigos na *Revista da Cultura* e também a obra *Os Extremos Conciliam-se*. Na sua perspectiva, o Oriente era a encarnação do próprio princípio feminino, das suas virtudes intuitivas e pacificadoras.

Contudo, é preciso não esquecer a distância entre as ideias

filosóficas e as vivências. A harmonia e a conciliação entre as comunidades portuguesa e chinesa nunca foi completa e verdadeiramente miscigenada. As comunidades entenderam-se ao longo de 450 anos nos princípios gerais, mas divergiam em muita prática existencial.

Havia, e talvez ainda haja, preconceitos de parte a parte. Alguns chineses desconfiam dos portugueses, considerando-nos preguiçosos, desorganizados e muito apegados aos bens materiais. Pois só agora se vem notando um maior interesse por parte da nossa comunidade pela língua e cultura deles.

De modo que o surgimento dum figura tão empenhada intelectualmente como o Pe. Benjamim logo auferiu grande simpatia na comunidade chinesa. Sabia mandarim e cantonense, falava inglês com toda



BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

a desenvoltura e revelava-se um verdadeiro letrado à maneira da melhor tradição confucionista. Era um poeta, um estudioso profundo e um grande pedagogo. Não esqueçamos que o Instituto D. Melchior Carneiro foi fundado para educar a comunidade chinesa de Macau. O Padre dedicava-se a fundo à sua missão pedagógica. Ele era o pai espiritual daquele espaço. Ele e Marta, o seu braço direito desde 1961.

Para os chineses, ele era diferente dos membros da restante comunidade portuguesa, que consideravam desavindos e maledicentes, características a que não escapava também a comunidade macaense, esta última fruto da união de portugueses com orientais.

Mas talvez tenha gerado um forte mal-entendido nos chineses a não compreensão de que a maledicência portuguesa nada tem de aniquilador para os alvos das más-línguas. O certo é que este tipo de idiossincrasias pode desenvolver preconceitos e resistências.

A certa altura o Padre julgou mesmo que os jesuítas lhe queriam mal. Ora, o modo pouco respeitável, na perspectiva chinesa, e o tratamento pouco distinto com que se lidava com um dos membros mais destacados da comunidade portuguesa poderá ter conduzido à ideia de que estavam perante um caso de maldade e pura inveja.

A este tipo de protecção física não terão sido alheios interesses económicos, o que permitiu a entrada em jogo dos preconceitos e ideias da comunidade portuguesa em relação aos chineses. Uma das características que mais salientamos nos descendentes do dragão costuma ser a sua veia pragmática e a atenção aos aspectos económicos e materiais.

Além disso, aquando do rapto, também terá interferido uma outra ideia feita, a da insensibilidade à dor por parte dos chineses, exemplificada em inúmeros histórias passadas com animais nos mercados de Macau ou da China. Quem chega a Macau costuma ser baptizado com episódios onde cães são comidos, peles de rãs arrancadas à vista dos clientes nos mercados e



Capa da edição chinesa de *Os Extremos Conciliam-se*.

degustação de inúmeros insectos e rastejantes que são a nossos olhos repelentes, histórias que, de resto, costumam ser confirmadas pela comunidade chinesa em tom de anedota, já que afirmam a rir que comem tudo o que não seja homem.

A voracidade alimentar explica-se racionalmente pelo facto do País do Meio ser gigantesco e possuir uma população astronómica, mas levanta uma forte desconfiança e preconceitos do lado português, como comprovam as nossas anedotas sobre a tortura chinesa.

Logo, quando o Padre se enclausurou no Instituto começaram a surgir suspeitas dentro da nossa comunidade de que pode

ria estar a ser sujeito a sevícias e maus tratos. A desconfiança intensificou-se quando o Pe. Jaime Coelho forçou a sua estada no Instituto e relatou ter escutado Benjamim a gritar toda a noite. Também as portas de ferros e cadeados com que foi protegido pelos chineses em nada tranquilizaram os membros laicos e religiosos da nossa comunidade.

A este preconceito da indiferença pela dor, junta-se a ideia generalizada de que os chineses colocam por tradição os ritos e as relações pessoais acima da lei, contra os primeiros relatos dos missionários portugueses do século XVI. Aquela imagem duma China profundamente idealizada, por exemplo, por Frei Gaspar da Cruz, foi dando lugar a uma outra construída por uma convivência de séculos.

Resumindo, há de facto uma tradição chinesa que privilegia a confiança e um código de valores não escrito, o que é lido por muitos no Ocidente como fuga à lei e grande capacidade de criação de organizações secretas, por exemplo, seitas.

Deste modo, quando o Pe. Benjamim desapareceu de circulação, muitos portugueses recearam pela sua vida.

Preconceitos de parte a parte e fortes interesses económicos tornaram impossível a comunicação, permitindo que Benjamim Videira Pires tivesse estado em cativeiro por três anos.

Por fim, as vidas nada costumam ter de linear, salvo em raras ou santas exceções. Constroem-se em tensão, com altos e baixos, caminhado nos casos mais felizes para um certo equilíbrio. O Pe. Benjamim foi humano como todos nós. Era até um pouco melhor do que a grande maioria. Esforçou-se ao longo de décadas. Primeiro, para responder aos valores da família a que pertencia. Esta era religiosa e tinha oferecido muitos dos seus membros ao clero. Depois, seguiu os valores da ordem jesuíta que o tratou como membro de pleno direito. Manteve-se longo tempo humilde, obediente e casto. Teve tentações, como todos os humanos, pois se até Cristo as teve, e a experiência amorosa a confirmar-se, apenas vem chamar a atenção para a necessidade de reforma no seio da religião católica. Por que motivo não há-de os nossos padres poder casar à semelhança do que sucede com os protestantes e os anglicanos?

APÊNDICE 1 > NOTA BIOGRÁFICA

1916: Nasce a 30 de Outubro nos arredores de Mirandela, em Torre de Dona Chama.

1932: Ingressa na Companhia de Jesus.

1936: Obtém a licenciatura no Curso Superior de Humanidades Clássicas e de Literatura Portuguesa. Ingressa no mosteiro beneditino de Alpendurada, concelho de Marco de Canavezes

1940: Adquire o bacharelato em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Braga. Até 1945 esteve em Granada, em Cartuja, onde frequentou quatro anos de Teologia.

1945: A 5 de Agosto é ordenado sacerdote na cidade do Porto. Mais tarde completaria a sua formação espiritual em Salamanca.

1948: Parte de livre vontade para Macau. Começa a assinar os seus cartões como Pe. Benjamim Videira Pires, missionário em Macau desde 1948. Estuda língua chinesa e torna-se sinólogo. Exerce funções docentes no Liceu Nacional Infante D. Henrique, além de capelão militar.

1961: Funda o Instituto D. Melchior Carneiro que passou a dirigir.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

A partir de 1961, altura da fundação do Instituto, ter-se-á tornado mais autónomo, desenvolvendo e assumindo os seus próprios valores. A vocação pedagógica actualizou-se plenamente. Em 1995 sentiu-se deserdado pelos seus irmãos de culto. A revolta foi grande, imensa e trouxe consigo a desobediência e o afastamento da ordem. Perdeu três processos na Justiça, continuando ainda assim a pugnar pelos valores e família em que acreditava. Quando caiu em si, era tarde demais para tentar uma solução amigável. Num último esforço para recuperar as raízes, apelou aos familiares portugueses e aos poucos amigos que ainda lhe restavam. Antes de regressar a Portugal, ainda encontrou forças para no aeroporto pedir desculpas ao Superior dos Jesuítas. Embarcou no início de Julho e passados seis meses morreu no Hospital de Mirandela a 9 de Janeiro de 1999. **RC**

1998: A 5 de Julho parte de Macau rumo a Torre de Dona Chama.

1999: Morre a 9 de Janeiro no hospital de Mirandela

Foi membro de várias associações de História e dirigiu a *International Association of Historians of Asia*. Também foi correspondente da Academia Portuguesa de História e sócio efectivo da Academia de Marinha de Lisboa. Foi historiador, pedagogo, filósofo, poeta, escritor e teólogo.

CONDECORAÇÕES

1937: Grau de oficial da Ordem do Infante D. Henrique (Portugal).

1987: Medalha de valor (Macau).

1996: Comenda da Ordem Militar de Santiago e Espada (Portugal).

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

APÊNDICE 2 > CRONOLOGIA DO CASO

1995

Maio. O Superior Regional dos Jesuítas em Hong Kong, William Lo, decide substituir Benjamim Videira Pires por Joseph Tai, alegando razões de saúde para o seu afastamento. A direcção do Instituto, docentes e alunos não acatam a decisão.

Junho. O Banco Luso-Internacional congela duas contas bancárias de Videira Pires

Julho. Videira Pires apresenta queixa na Judiciária contra o Superior dos Jesuítas de Macau, Pe. Luís Sequeira, acusando-o de falsificar a sua assinatura em dois documentos, um requerimento ao Gabinete de Apoio ao Processo de Integração (GAPI) e uma carta ao governador de Macau, general Vasco Rocha Vieira, nos quais manifestava intenção de se reformar.

Dezembro. Alunos e encarregados de educação do Instituto D. Melchior Carneiro manifestam-se em frente do Palácio de Governo durante uma visita do Presidente da República de então, Mário Soares. A polícia dispersa a manifestação e há feridos.

1996

Abril. O Partido Popular, em carta ao Presidente da República, apoia as posições do Pe. Benjamim no conflito que o opõe à hierarquia da Ordem dos Jesuítas e à Direcção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau (DSEJ).

Julho. A DSEJ suspende por 1 ano o funcionamento das actividades escolares no Instituto; a suspensão continua a ser renovada anualmente até 1999.

1997

Agosto. Surgimento do Decreto-Lei n.º 33, de 11 de Agosto, que prevê as ocorrências de encerramento de estabelecimentos particulares.

Novembro/Dezembro. Visita de cinco dias do Pe. Jaime Coelho, S. J. ao Pe. Benjamim, seguida de carta iniciada a 23 de Novembro, datada de 1 de Dezembro, dirigida aos amigos do Padre, onde afirma: “Penso que é um simples caso criminal. As senhoras Marta/Fátima estão sequestrando um homem velho, incapaz psicologicamente de dizer em frente delas o que pensa da sua família.”

1998

2 de Junho. Carta de homenagem do Secretário-Adjunto para a Administração, Educação e Juventude, publicada na *Tribuna de Macau* por Jorge Rangel, intitulada “Francisco Lucas Pires, uma homenagem sentida”, a propósito da morte do dirigente do CDS em Maio do mesmo ano, onde o autor refere “Lucas Pires visitou muitas vezes Macau e de novo o aguardávamos agora, já com jantar marcado para o passado dia 28, quando o destino uma semana antes nos quis privar definitivamente do privilégio da sua companhia.”

12 de Junho. O jornal *Futuro* adianta que o coronel Ramos (afilhado de baptismo do pai de Lucas Pires), do Gabinete de Coordenação da Segurança de Macau, tentou visitar o Pe. Benjamim a 2 de Junho, após uma série de telefonemas infrutíferos, para lhe comunicar o falecimento de Francisco Lucas Pires. A resistência que sentiu levou-o a pedir à polícia que intercedesse junto do Ministério Público para obter um mandato judicial. Na sequência desta visita surge uma carta em mau português, alegadamente assinada pelo Pe. Benjamim, a acusar o coronel Ramos de ter pontapeado um professor do Instituto, donde se conclui que a missiva não tenha sido escrita por Videira Pires.

27 de Junho. Notícia do *Hoje Macau* dando conta do Padre não se encontrar nas instalações do Instituto, após acção realizada pela PSP em cumprimento dum mandato de busca passado pelo juiz do Tribunal de Instrução Criminal.

29 de Junho. O jornal *Futuro* informa que o Pe. Benjamim já se encontra a salvo na Pousada do Governo em Mong-Há na companhia do irmão Francisco Videira Pires após a realização de exames clínicos. Também no mesmo dia o jornal *Macau Hoje* informa que o Padre telefonou da China a pedir que libertassem os oito professores detidos pela PSP e enviados ao Ministério Público. O *24 horas* do Gabinete de Comunicação Social chama a atenção para a existência de duas versões contraditórias do caso Videira Pires, a da Polícia e a dos amigos chineses do Padre.

1 de Julho. O Pe. Francisco Videira Pires escreve uma carta onde afirma conhecer D. Marta e sua filha, D. Fátima, há mais de 30 anos, tendo-se encontrado com elas em Portugal, Macau e nos Estados Unidos. Acusa ainda os chineses de “crime de sequestro e cárcere privado”, por retenção da

correspondência ao longo de três anos, mesmo em épocas festivas, bem como por impossibilidade de comunicar por telefone com o irmão.

2 de Julho. O jornal *Futuro* anuncia uma tentativa de sequestro no domingo, 1 de Julho, no Leal Senado, iniciada por Marta e Fátima e por um grupo de professores rebeldes do Instituto.

3 de Julho. No *South China Morning Post*, de Hong Kong, são apresentados como raptos Fátima Yang Sho-Hua, Marta Cheung Sau Wan e o professor Lai Lou Man em notícia com o seguinte título “Priest leaves web of intrigue” e subtítulo “Frozen Millions, forgery and sex claims, as elderly ‘kidnap victim’ flies home to Portugal”. Também se adianta que “Marta Cheung Sau-wan, the

woman who helped set up the school in 1961 and helped run it since, deny the charges”.

Na mesma data, *O Ponto Final* informa que: “em torno do Pe. Videira Pires está um depósito bancário de 6 milhões de patacas, edifício do IMC e terreno num valor superior a 10 milhões de patacas”.

5 de Julho. Após cinquenta anos em Macau, parte para Portugal em direcção a Torre de Dona Chama. No aeroporto, encontram-se vários amigos, incluindo o governador, general Rocha Vieira, o Pe. Luís Sequeira, o coronel Ramos, etc.

NOTAS

- 1 “Espelho do Mar”, Macau, 14 /09/1984. *Espelho do Mar*, p. 46.
- 2 “A Realidade é o Amor”, Macau, 15 /09/1984. *Espelho do Mar*, p. 47.
- 3 *Os Extremos Conciliam-se*, p. 78.
- 4 *Ibidem*, p. 8.
- 5 “A Ponte”, Macau, 14/09/1974. *Espelho do Mar*, p. 5.
- 6 “Barcarola”, Macau, 3/04/1975. *Espelho do Mar*, p. 9.
- 7 “Força e Razão”, Macau, 21/06/1975. *Espelho do Mar*, p. 11.
- 8 “Permanência”, Macau, 10/06/1975. *Espelho do Mar*, p. 13.
- 9 “Peregrinação”, Macau, 10/09/1984. *Espelho do Mar*, p. 44.
- 10 *Pregai os Evangelhos*, p. 391.
- 11 *Ibidem*.
- 12 *Ibidem*, p. 392.
- 13 *Ibidem*, p. 365.
- 14 *Ibidem*.

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António (1999). “Benjamim Videira Pires: Um Educador Português em Macau”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, pp. 699-709.
- Coelho, Jaime. *O Japão Explica-se*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.
- Cruz, Frei Gaspar da. *Tractado em que se contam muito por extenso as cousas da China com suas particularidades, e assi do reyno de Ormuz*. Barcelos: Portucalense Editora, 1937 [1569].
- Loureiro, Rui Manuel. *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.
- Pires, Benjamim Videira. *Espelho do Mar*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.
- . *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

- 15 *Jardins Suspensos*, Macau, 1/01/1954.
- 16 *Jardins Suspensos*, Granada, 13/10/1945.
- 17 *Jardins Suspensos*, Macau, 19/08/1955.
- 18 O Instituto D. Melchior Carneiro foi fundado no dia 4 de Setembro de 1961, exclusivamente orientado para a comunidade chinesa, como afirma António Aresta no artigo: “Benjamim Videira Pires, um educador Português em Macau”, publicado na *Revista Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45.
- 19 *Pregai os Evangelhos*, p. 176.
- 20 *Ibidem*, p. 351.
- 21 Ver António Aresta, “Benjamim Videira Pires, um educador Português em Macau”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45.

- . *Jardins Suspensos*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1995.
- . *Meia Volta ao Mundo*. Macau: Religião e Pátria, 1958.
- . *A Mulher Venceu*. Macau: Religião e Pátria, 1956.
- . *Pregai o Evangelho. Duas Séries de Homilias para Todos os Domingos e Festas do Ano*. Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa, 1963.

Jornais

Foram ainda consultados os seguintes jornais de Macau e de Hong Kong: *O Clarim*, *Futuro*, *Macau Hoje*, *Ponto Final*, *Tribuna de Macau* e *South China Morning Post*.